



PRÁTICA DOCENTE: ATENÇÃO À DIVERSIDADE DOS SENTIMENTOS

CLAUDIA KUINTA DIAS HOHMANN, C. K. D.¹

RESUMO: A atenção à diversidade dos sentimentos é um tema que não perde atualidade e tornou-se importante nas discussões das instituições educativas, pois elicia uma carga emotiva e ética que incidem de maneira significativa e direta na prática docente. O presente trabalho pretende refletir as práticas do professor, que muitas vezes tornam-se alvo de interferência no processo de construção de conhecimento e conseqüentemente de ensino e aprendizagem, assim como recriar algumas estratégias de ação minimizando os sentimentos de negatividade discente. O trabalho cooperativo entre pais e professores torna-se uma estratégia importante para enfrentar fatos educativos a partir das diferenças atuais frente a novas situações.

PALAVRAS CHAVE: Cultura; diversidade dos sentimentos – prática educativa

ABSTRACT: Focusing on the diversity of feelings in as upfront issue and has become important at educational institutions since it embeds an emotional and ethical load directly linked to the teaching skills. The main objectives of this assess critically the teaching skills, which are subject quite often to interferences during the knowledge construction process, with direct implications on teaching and learning and also to rethink some strategies of action, minimizing children negative feelings. The cooperative work between parents and teachers becomes an important strategy to tackle the educational facts induced by new challenges and situations.

KEYWORDS: culture – diversity of feeling – educational strategies

1. Introdução

O medo de expor-se, a insistência da fala de um aluno gago, a exposição do aluno gordo, punições e ameaças contínuas foram alvo de discussões e análises. Comportamentos estes, quando repetidamente praticados na prática educativa, poderá resultar em uma fobia social.

O que fazer quando o “não fazer das atividades da criança” é representatividade do sentimento de **medo**? Como **desconstruir sentimentos de negatividade** que muitas vezes fazem parte da bagagem própria de cada um e se integram muitas vezes na **globalidade cognitiva** do indivíduo?

A diversidade dos sentimentos trata de atitudes de desafio frente ao novo, de uma disposição de admitir em nós mesmos maneiras de ser e de fazer de forma diferenciada. Segundo Sacristán (1998) “A vida em sala de aula deve ser

¹ Pós Doutora em Educação. Professora da Universidade do Vale do Itajaí- UNIVALI



interpretada como uma rede viva de troca, criação e transformação de significados” (p.34).

O processo sócio-cultural de *modificabilidade cognitiva* do ser humano, tomando como base a escola e a família é condição de determinação cultural das práticas educativas destas duas variáveis – a família e a escola – a primeira, mais responsável – entretanto, a sociedade como um todo, é que dará as diretrizes desta mudança, pois, compartilhando as ideias de Vygotsky (1991), o desenvolvimento da estrutura cognitiva do ser humano mantém uma relação muito estreita entre maturação e cultura.

A cultura modela a estrutura cognitiva do homem porque esta o permite. O que é a cultura para estar responsável pelas transformações elementares do comportamento humano? Por que ser tão responsável por esta condição de mudança?

Segundo Mendes (1976,p.14), podemos dizer que o conceito de cultura poderá assim ser identificado como sendo: “a totalidade complexa que inclui conhecimentos de ciências, artes, moral, direito, matemática, línguas estrangeiras, geografia, história, costumes e todas as demais capacidades e hábitos que o homem adquire como membro da sociedade em que vive”. Portanto o homem é um ser biologicamente cultural ou culturalmente biológico.

O cérebro por meio do qual pensamos, os ouvidos por meio do qual escutamos, as mãos por meio do qual escrevemos, são alguns dos órgãos totalmente biológicos, ao mesmo tempo totalmente culturais, pois além de estarem fortemente imbuídos de cultura estão fortemente vinculados a normas, proibições, valores, símbolos e mitos. Se levarmos em conta seu conteúdo, ele configura formas de ser e compreender o mundo cultural de onde se encontram.

Portanto, é pertinente que se discutam em reuniões e encontros de professores, a natureza destes conteúdos assim como a concepção que o docente possui destes, antes de configurá-lo em sua prática, tendo em vista que cada ação docente, está inspiradas em determinada concepção de cultura, de homem e do tipo de qualidade que o educando tende a alcançar. “É na pesquisa da sala de aula que se concretiza a cidadania acadêmica, a medida, que através do questionamento reconstrutivo, se atinja a possibilidade de evolução teórica e prática” (DEMO, 1998).



A cultura, portanto, é dialética, cuja intenção é de descobrir e transcender, de espelhar os fatos e projetar os sonhos . Neste sentido, a prática docente se mostra explícita ou implicitamente na sua intencionalidade.

Para tanto, segue a conceituação proposta por Mendes (1976,p.146):

Um homem é um ser intencional na medida em que descobre um sentido para sua existência e emprega a força de que é capaz para objetivá-la. E a educação não é senão a disciplina do ser intencional. Toda a tarefa do educador reside apenas - e já é demais - em descobrir, preservar e corroborar a intencionalidade do ser do educando.

Se o objetivo básico e fundamental da educação é ajudar na construção de pessoas com habilidades para responder distintos desafios em multivariadas circunstâncias, uma nova variável se faz necessária na profissionalidade docente: a necessidade de receber, ver, perceber e analisar o mundo que o rodeia, a fim de aplicar as mesmas situações e em outras das que lhe foi dada.

Falar em construir uma cidadania com homens críticos e reflexivos exige antes de tudo **SER** crítico e reflexivo, e segundo Freire(1971,p.45) “Ler o mundo, certamente, não é passear sobre as palavras”. Portanto, ler o seu país,o seu contexto, é aprender a tornar-se cidadão de seu mundo, a reconhecer seus valores e suas limitações, é transcender.

A progressão continua do saber do aluno deverá permear o desenvolvimento de sua condição humana, saber enfrentar e enfrentar-se convivendo com as incertezas, adquirir o conhecimento de sua cultura, aceitar as diferenças individuais no seu convívio diário, conhecer leis que o subsidiem e o encorajem a romper com autoritarismos abusivos diante as hierarquias impostas pelo mercado de trabalho, posicionar-se moralmente e eticamente diante a situações de conflito, incorporar a idéia que não há verdades absolutas de forma que se permita que outras pessoas abordariam formas de ser e agir com critérios diferenciados , são valores suficientes para pensar em uma transformação social. Será que o docente está preparado para enfrentar tamanho desafio no ato de ensinar?

Consideremos que, o mesmo, é atribuído ao professor, ou seja, **uma epistemologia contínua**, o despertar da importância de uma formação progressiva do educador. Como aponta Singer (1996) é possível reconhecer em suas práticas alguns entraves tais como: a ingenuidade docente diante do desenvolvimento do



aprendiz; a diminuição da autoridade educativa e da atitude de respeito; maior rigorosidade metodológica, tanto no que respeita à amplitude dos conhecimentos, como ao rendimento esperado dos alunos; no desprestígio dos meios didáticos, nas disfunções do sistema educativo (indisciplina e violência, tecnicismo didático, desmotivação); na politização do debate sobre a educação e a reforma do sistema educativo e na falta de ideais.

Portanto, torna-se *sine* anunciar algumas possibilidades de minimizar tais entraves, com reflexões que permitam uma atitude mais emancipatória da profissionalidade docente.

2. Respeito á diversidade : Assumindo riscos na maneira de ser e fazer docência

Torna-se cada vez mais perceptível à defesa pela diversidade assim como suas conotações na vida social, esse continua sendo um tema que não perde sua atualidade.

Um dos discursos da escola ensinar para vida é vislumbrar a abordagem dos valores, é dizer, que representa uma escola aberta a todos e construída desde os pressupostos do respeito, da autonomia e da solidariedade.

Esta noção de respeito tem uma larga história filosófica. Para Lévinas a noção de respeito antes de ser um mandamento, descreve a situação de distância infinita de que falamos: o respeito é olhar, o olhar a distância. E como se sabe, Lévinas redefine a pessoa como um rosto. Desde o momento em que estou em relação com o rosto do outro, que falo com o outro e escuto o outro, a dimensão do respeito está aberta. É necessário, portanto fazer com que a ética esteja em consonância com essa situação e que resista a todas as violências, que consistem em reprimir o rosto, em ignorar o rosto ou em rejeitar o rosto.

Mas, parece claro que o respeito não passaria de uma plumagem politicamente disfarçada se não fosse acompanhada de instrumentos capazes de determinar em uma linguagem eufemística , no que se tem denominado de “dar resposta a diversidade”.

Ambos os conceitos de respeito e diversidade se complementam e condicionam mutuamente seu desenvolvimento.



Cervantes, em Dom Quixote, diz que: “Se deve amenizar o rigor da lei, pois, é melhor a fama do juiz compassivo do que a do juiz rigoroso” complementa ainda no sábio conselho ao Sancho Pança: “se acaso dobrares a vara da justiça que não seja pelo peso da dádiva, mas sim da misericórdia”.

Gandhi em seus discursos pregava repetidamente a não violência: “Se considerarmos olho por olho, teremos um país de cegos”.

Diante a uma realidade com tantas leituras e conflitos individuais, acredito que as discussões estão voltadas para um núcleo essencial : **o respeitável e o (des)respeitável.**

Etimologicamente “respeito à diversidade”, se trata de uma atitude de risco frente ao novo, de uma disposição de admitir em nós mesmos maneiras de ser e de fazer de forma diferenciada.

Este risco que faz a diferença tem matiz passiva e outra ativa. Na forma passiva equivaleria ao “vive e deixa viver”, acentuando a indiferença. Na forma ativa significa solidariedade, uma atitude positiva que se aplica a luz da hierarquia de bens.

O respeito é um compromisso ativo e positivo em relação à diversidade humana e, por conseguinte, é um princípio fundamental da democracia nas nossas sociedades étnicas e multiculturais. Para Hohmann (2004, p.154) A cultura da diversidade não consiste em buscar o melhor modelo educativo individual para as pessoas diferentes, mas que toda a cultura escolar se preencha de diversidade.

Mas por que é difícil para o professor incorporar tal princípio?

Parece ser difícil aceitar este princípio porque sua aceitação abre possibilidades a manifestações de compromisso ao conhecimento, a compreensão, ao respeito, para que através do outro eu aprenda em primeiro lugar a ser professor ou professora, e, sobretudo a ser “pessoa”. É saber que como professor ou professora sou diferente, aceitando cada uma e cada um de meus alunos e de meus pares, também diferentes. A tarefa do professor reside em descobrir, respeitar e corroborar para com a intencionalidade do ser do educando.



Aceitar esse princípio significa que a escola se converta em uma comunidade de aprendizagem permanente, já que o próprio docente se considera um aluno que está aprendendo a resolver problemas e com esta troca atitudinal da docência, promova a produção de melhor aprendizagem.

Para o profissional da educação, a contradição entre normalidade e diversidade torna-se patente todos os dias. A primeira condição amofina, com o passar do tempo, a segunda, amedronta.

Todavia, se necessita de tempo para aprender e tempo para compreender, tempo para encontrar satisfações em novas estratégias de ensino. A cultura da diversidade é um processo de aprendizagem permanente, de onde todos temos de aprender a compartilhar novos significados e novos comportamentos de relação com as pessoas. A cultura da diversidade vai nos permitir construir uma escola de qualidade e profissionais de qualidade.

A cultura da diversidade é uma maneira nova de educar(nos), parte do respeito á diversidade como valor.

Cultivar homeopaticamente a reflexividade da situacionalidade, a simplicidade de uma epistemologia progressiva e o respeito a diversidade, significa estabelecer a prevenção de não danificar, por overdose, palavras e ações educativas que representem perigos na ação docente.

Se educar é a arte do fazer humano, nossa responsabilidade, enquanto educadores, é atermos à qualidade do nosso esforço em vez de esperar o resultado dele, promovendo ações educativas, para que se compreenda por que razão a dignidade do ser ,os direitos humanos e o respeito pela diversidade humana são inseparáveis.

3. Pluralidade cultural: quebrando barreiras para o exercício da cidadania

Todo processo cultural é um processo de conversão. Segundo Nonaka e Takeuchi (1997, apud CARVALHO, 2012), a chave para a criação do conhecimento encontra-se nessa conversão, pois é através dela que são criados



os conceitos explícitos a partir do conhecimento tácito. Porém para que isso aconteça com sucesso é necessário que haja a internalização do conhecimento. Tendo em vista esta diversidade, entendendo que a criação do conhecimento se inicia com a socialização, os alunos de licenciaturas pertencentes ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/Balneário Camboriú), atenderam a solicitação da escola a fim de refletir questões relacionadas à cultura e diversidade com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, durante o primeiro semestre de 2017. A atenção à diversidade torna-se fulcral no processo educativo, visto que Balneário Camboriú é uma cidade que tem um fluxo contínuo de pessoas de outras regiões, o que desafia a escola no convívio destas relações. Conforme Ribeiro et al (2014):

O grande desafio hoje do contexto escolar, é reconhecer a diversidade cultural como elemento inseparável da identidade nacional e regional de seus educandos, pois esse reconhecimento implica na superação de qualquer tipo de preconceito e ensina o educando a valorizar as especificidades dos grupos que compõem sua escola, seus vínculos afetivos e a sociedade.

A partir do projeto intitulado: “Atenção à diversidade” procurou-se investigar como a diversidade cultural contribui nos processos de ensino e aprendizagem. Este projeto aborda a metodologia das cinco dimensões do conhecimento segundo Hohmann (2004), assim intituladas:

Na primeira dimensão *Informação e comunicação*, os bolsistas investigaram através de círculos de cultura os conhecimentos prévios dos alunos sobre o que entendiam por diferenças, preconceito e respeito na fantástica oportunidade de partilhar experiências de diferentes trajetórias de vida.

Na segunda dimensão *Investigação e pesquisa*, foram disponibilizados pesquisas no laboratório de informática, filmes, documentários, a fim de articular os conhecimentos tácitos e explícitos, através do diálogo e da reflexão.

Na terceira dimensão *Arte de viver*, foi investigada junto às famílias dos alunos, a importância do respeito à diversidade, através de atividades de pesquisa, de recreação e desportivas. A partir das vivências dos alunos com a família, registra-se na prática docente, o quanto a sensibilidade e o ser abrem-se para a compreensão da vida.



Na quarta dimensão *Arte e criatividade*, foram desenvolvidas atividades com os alunos em diferentes linguagens com a temática do respeito à diversidade. A dança, a música, a escrita, o raciocínio lógico, os tempos e espaços, através de jogos e brincadeiras, proporcionaram à prática docente, articulações inerentes ao processo de aquisição do conhecimento, colocando as mesmas em prática para atingir metas educativas.

Na quinta dimensão *Espiritualidade*, através da mediação docente, as questões de respeito, ética e preconceito tomam um valor transcendental, contribuindo para que os alunos expressem suas emoções, desenvolvendo habilidades de relacionamento e de enriquecimento cultural para construção da cidadania.

É necessário compreender que o processo educativo emanado pela escola é algo que a sociedade não pode prescindir. Ao contrário, a educação é fundamental no processo de aprendizagem e na compreensão necessária para que se possa ver o diferente em suas complexidades de formas de relações humanas e suas afirmações.

As relações existentes no processo de construção e significação das diferenças na sociedade precisam ser muito bem sentidas e compreendidas. A necessária valorização da diferença que buscamos se dá no sentido de reconhecer e afirmar positivamente a pluralidade e a singularidade de cada e diferente ser em sua diversidade.

4. Considerações finais

A pluralidade cultural do nosso país revela ser decisivo para que se possa estabelecer uma relação adequada entre aquilo que temos e queremos. Num tempo marcado por problemas de preconceitos, falta de respeito e ética, torna-se imprescindível que a escola acolha em suas práticas, um mundo de possibilidades de interação e sentimentos.

Segundo Paulo Freire (1971 pág. 99):

Ensina a educação ou a ação cultural para a libertação em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer em que os educando também educadores como consciências “intencionadas” ao mundo, ou como corpos



conscientes, se encerem com os educadores na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de relacionamento existente.

O currículo, enquanto instrumento de cidadania democrática, deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagens que capacitem o ser humano, para a conversão, em busca da internalização do conhecimento.

A escola e a família no processo sócio-cultural de *modificabilidade cognitiva* adquire uma função valorosa, tomando-as como condição de determinação cultural das práticas educativas.

O trabalho com projetos recupera o papel da escola como instituição cultural e social, fazendo um resgate entre o aprender para a vida desenvolvida na escola. Desta forma a instituição deixa de ser um mundo à parte, inserindo-se no espaço da cidade e do mundo real.

Segundo Mendes (1996), o homem é um ser intencional na medida em que descobre um sentido para a sua existência e emprega a força de que é capaz para objetivá-la. E a educação é senão, a disciplina de ser intencional.

Quem é o(a) professor(a)? Alguém que se aceita como guia na criação deste espaço de convivência. Assim, como profissional autêntico deverá desejar a responsabilidade de criar um espaço de aceitação recíproca que se configura no momento em que surge professor/alunos e se produz uma dinâmica com a qual socializam saberes constitutivos que implicam consciência, compreensão e conhecimento.

Segundo Hannoun(1998), o educador é uma pessoa lúcida quanto às condições de sua ação. Cada componente do processo educacional tem característica específica cuja condição é sine. A educação consiste basicamente, em acionar o agir; em desatar a potencialidade instrumental que esta representa, em ligar o homem - criador (faber) ao homem –artífice (sapiens). É despertar o agir, estimulando sua intencionalidade própria, que se traduz como rumo e força.

O docente torna-se elemento ativo capaz de olhar o mundo como um horizonte de possibilidades para a sua formação humana e social. Sua habilidade fundamental é exercer *criadoramente* sua docência, aperfeiçoando-a, extraíndo dela uma consciência gratificante que está ligada só a um opus criador.



Sobre estas bases é que se pode estabelecer a reflexividade e, com ela, a perspectiva mais emancipatória da profissão docente.

Trata-se de um tema complexo e caleidoscópico, com o qual fica sempre a sensação de incerteza e confusão no que se refere aos perigos da ação docente na prática educativa.

Este tema necessitará de uma multiplicidade de olhares na perspectiva de que esta discussão dê lugar a profissionais de diferentes áreas do conhecimento, que serão, sem dúvida, tão cordiais em tolerar a diversidade, como, rigorosos na sua intervenção, enquanto fundamento básico, na difícil arte de ensinar.

Consideramos que atores tão diferentes possam estabelecer relações que propiciem que a escola cresça, que a diversidade dos movimentos na construção do conhecimento seja compartilhada no conjunto de sujeitos ousados que constroem diuturnamente sua prática pedagógica pois *“A ousadia contém genialidade, poder e magia”*.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Fábio. **Gestão do Conhecimento**. São Paulo: Editora Pearson. 2012. CASTORIADIS, C. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CERVANTES SAAVEDRA. Miguel de. **Don quixote de la Mancha**. Sevilla, 2003.

DEWEY, J. **Cómo pensamos. Nueva exposición de la relación entre pensamiento y proceso educativo**. Barcelona: Editorial Paidós, 1989.

DÜRCKHEIM K.G. **El maestro interior. El maestro-El discípulo-El camino** .2ª ed. Bilbao: Ediciones Mensajero, 1982.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971

_____. **Educación y cambio**. Buenos Aires: Búsqueda, 1976.

HANNOUN, Hubert.. **Certezas e Apostas**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

HOHMANN, C.K.D. Autonomia como categoria antropológica no pensamento e prática educativa em Paulo Freire: um modelo de filosofia da educação. 2004. 490f. **Tese** (Doutorado em Educação)- Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade de León/ Espanha.

REVISTA DE DIVULGAÇÃO INTERDISCIPLINAR DO NÚCLEO DAS LICENCIATURAS



MENDES, D.T. **Fenomenologia do processo educativo.** 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SACRISTÁN, J. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SINGER, P. **Poder, política e educação.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, nº1, 1996.

VARMA, R. **Gandhi - Poder, Parceria e Resistência.** Palas Athena, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** 3 ed. São Paulo: M. Fontes, 1991.